



Eu, Artista Cultivador

Sandro Bottene

organização

Rosa Blanca

Sandro Bottene

PPGART
editora

catálogo da exposição

Eu, Artista Cultivador

Sandro Bottene

organização
Rosa Blanca
Sandro Bottene

PPGART
editora

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

B751e Bottene, Sandro

Eu, artista CultivaDor [recurso eletrônico] : catálogo da exposição / Sandro Bottene ; organização Rosa Blanca, Sandro Bottene. – Santa Maria, RS : UFSM, CAL, Ed. PPGART, [2025].

1 e-book : il

Realização: MASM, de 5 de junho a 29 de julho de 2025, sala Iberê Camargo

Texto em português e espanhol

ISBN 978-85-99971-98-7

1. Artes Visuais 2. Artista 3. Performer I. Blanca, Rosa II. Título.

CDU 7.036

77

Ficha catalográfica elaborada por Lizandra Veleda Arabidian – CRB-10/1492
Biblioteca Central da UFSM

Todos os direitos desta edição estão reservados à Editora PPGART.

Av. Roraima 1000. Centro de Artes e Letras, sala 1324. Bairro Camobi, Santa Maria, RS.

Telefones: 3220-9484 e 3220-8427 | E-mail: editorappgart@ufsm.br e seceditorappgart@gmail.com
<https://www.ufsm.br/editoras/editorappgart>

realização



apoio



5 APRESENTAÇÃO | Eu, Artista *CultivaDor*
Rosa Blanca

7 APRESENTACIÓN | Yo, Artista *CultivaDor*
Rosa Blanca

9 CultivaDor

29 Dor

41 Garoto-cacto

57 TEXTOS CRÍTICOS | À flor da pele
Gisela Reis Biancalana

Aparato biológico indispensável à autopreservação
Cláudia Vicari Zanatta

Sandro Bottene y la condición del dolor
Mau Monleón Pradas

Um corpo e os limites desafiadores entre a beleza e a dor
Sandra Correia Favero

67 CRONOLOGIA

70 SOBRE OS(AS) ORGANIZADORES(AS)

APRESENTAÇÃO

Eu, Artista *CultivaDor*

Rosa Blanca

5

Durante a sua viagem a Valência, na Espanha, o artista Sandro Bottene é acompanhado pelos seus espinheiros, dando continuidade ao cultivo da dor.

A sua obra situa-se nas Torres de Quart, em Valência. Constituintes da antiga muralha medieval de Valência, as Torres de Quart são o local de trabalho de Sandro Bottene, abrindo a paisagem da ruína. As torres são peças muito importantes no xadrez. *Quando a dor se torna ruína* é o título desta peça artística. Através deste gesto, poder-se-ia sugerir que o artista coloca a dor em xeque, o que não significa que a batalha tenha terminado. A sua obra assenta sobre as ruínas, mas as ruínas permanecem no tabuleiro de Bottene.

p. 5-6 | *Cylindropuntia tunicata*, 2025





A sua obra também transita pelo mar do Mediterrâneo, marcando a dor na praia, como uma coordenada da infalível migração humana.

Em constante projeção, Sandro Bottene surpreende-nos também com o seu corpo florido, em Seberi, Brasil, refiro-me ao seu *Spinu Vivu II*. O artista consegue tornar visível, por um instante, a tessitura da subjetividade através de uma interface herbácea plantada na sua pele. De repente, o corpo é uma planta sem carne. Talvez por isso, Bottene como *CultivaDor* remete para uma das primeiras identidades do artista, a de enfeitiçador.

Como performances ou como fotografias, a linguagem do seu trabalho evoca as cores da pictorialidade.

Assim, sem mais demoras, só posso concluir com uma frase: o artista abraça-se a si próprio, como quem abraça a sua própria alma.

Curadora

E-mail: rosa.blanca@ufsm.br
Instagram: [@rosamblanca](https://www.instagram.com/@rosamblanca)
Lattes: 2502746878890998

APRESENTACIÓN

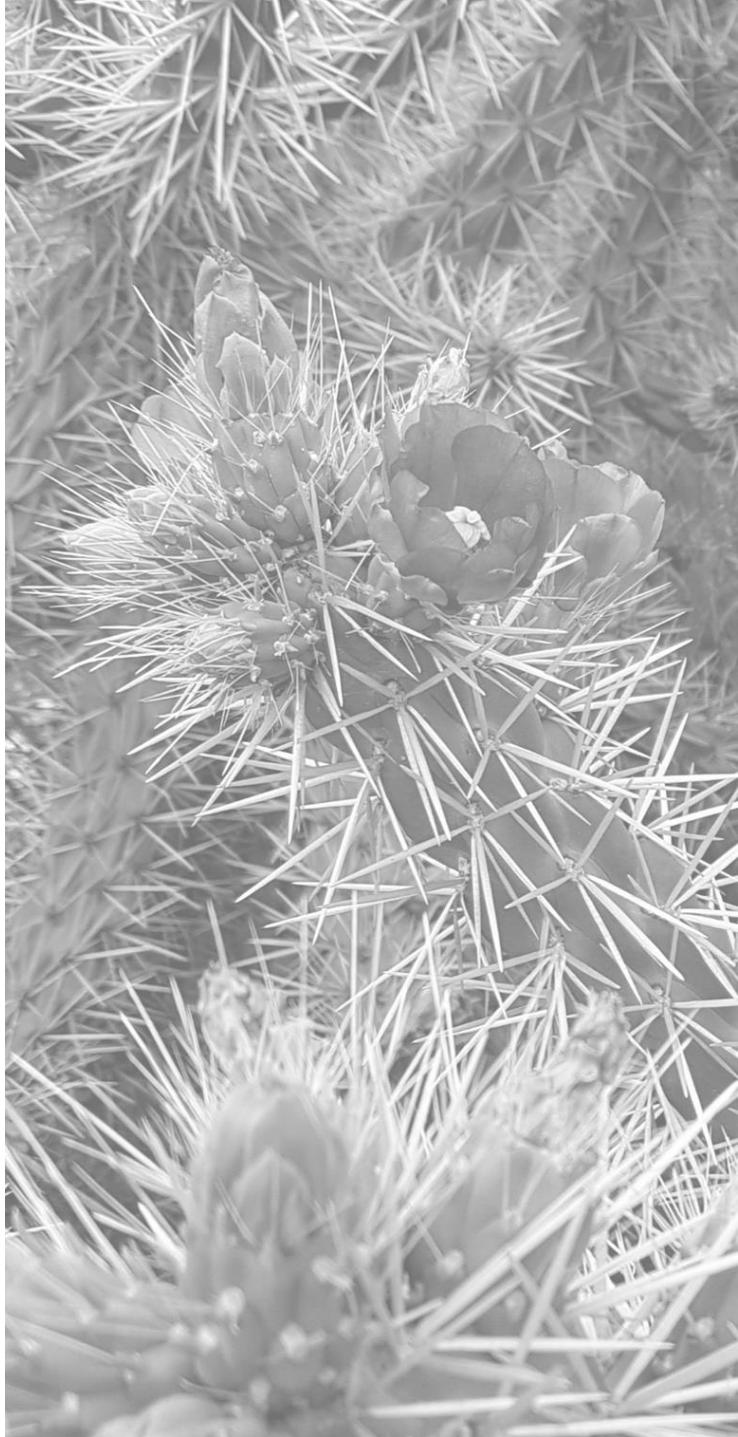
Yo, Artista *CultivaDor*

Rosa Blanca

Durante su viaje a Valencia, en España, el artista Sandro Bottene se hace acompañar de sus espinos, dando continuidad al cultivo del dolor.

7

Su obra pontua las Torres de Quart, de Valencia. Constituyentes de la antigua muralla medieval, en Valencia, las Torres de Quart acogen la obra de Sandro Bottene, abriendo el paisaje de la ruina. Las torres son piezas importantísimas en el ajedrez. *Cuando el dolor se transforma en ruina*, es el título de esta pieza artística. A través de este gesto, podría sugerir que el artista coloca en jaque el dolor, lo que no significa que la batalla haya terminado. Su obra descansa sobre las ruinas, pero las ruinas permanecen sobre el tablero de Bottene.





Su obra también transita por el mar del Mediterráneo marcando el dolor en la playa, como una coordenada de la indefectible migración humana.

En proyección constante, Sandro Bottene nos sorprende también con su cuerpo florido, en Seberi, Brasil, me refiero a sus *Spinu Vivu II*. El artista logra visibilizar por un instante la tesitura de la subjetividad mediante una interfaz herbácea plantada en su piel. De repente, el cuerpo es una planta sin carne. Será que por eso, Bottene como *CultivaDor* nos hace pensar en una de las primeras identidades del artista, como hechizador.

Como performances o como fotografías, el lenguaje de su obra evoca los colores de la pictorialidad.

Así y sin más, puedo concluir con una única frase: el artista se abraza a sí mismo, como quien abraza su propia alma.

Comisaria

Correo electrónico: rosa.blanca@ufsm.br
Instagram: @rosamblanca
Lattes: 2502746878890998

CultivaDor

Sandro Bottene | originalmente escrito em 2024

Quem cultiva a dor,
cultiva o corpo e a própria subjetividade.
Cultivamos dores físicas e dores da alma,
dores próprias e até dores herdadas.

O campo do CultivaDor é a arte,
cultivada pela sensibilidade do tato,
pela fabulação dos pensamentos e
pela construção de imagens atreladas a outros sentidos.

Para experiências superficiais, mas verdadeiramente marcantes,
transformo-as em estímulos profundos.

Para dores imaginárias, mas potencialmente reais,
converto-as em dores poéticas.

A dor que eu crio
(trans)brota do pensamento ao corpo.

A dor que eu cultivo
mantém o corpo-vivo e o sentimento de artista.

Cuando el dolor debilita la mente
p. 11-20 | Série *Cápsulas-dor*

2024
Fotoperformance
Ateliê / Residência
Valênciâ, Espanha
Acervo do artista





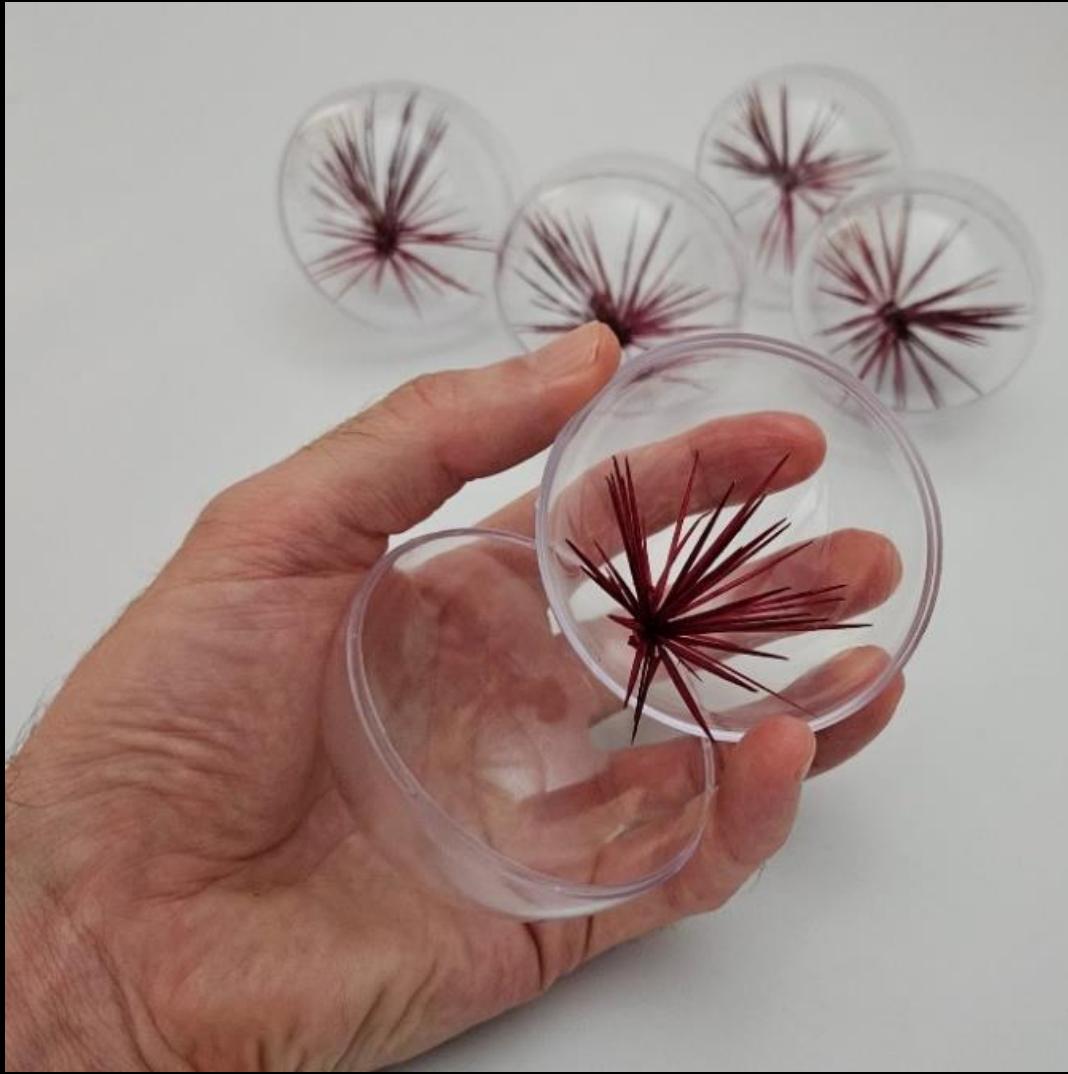


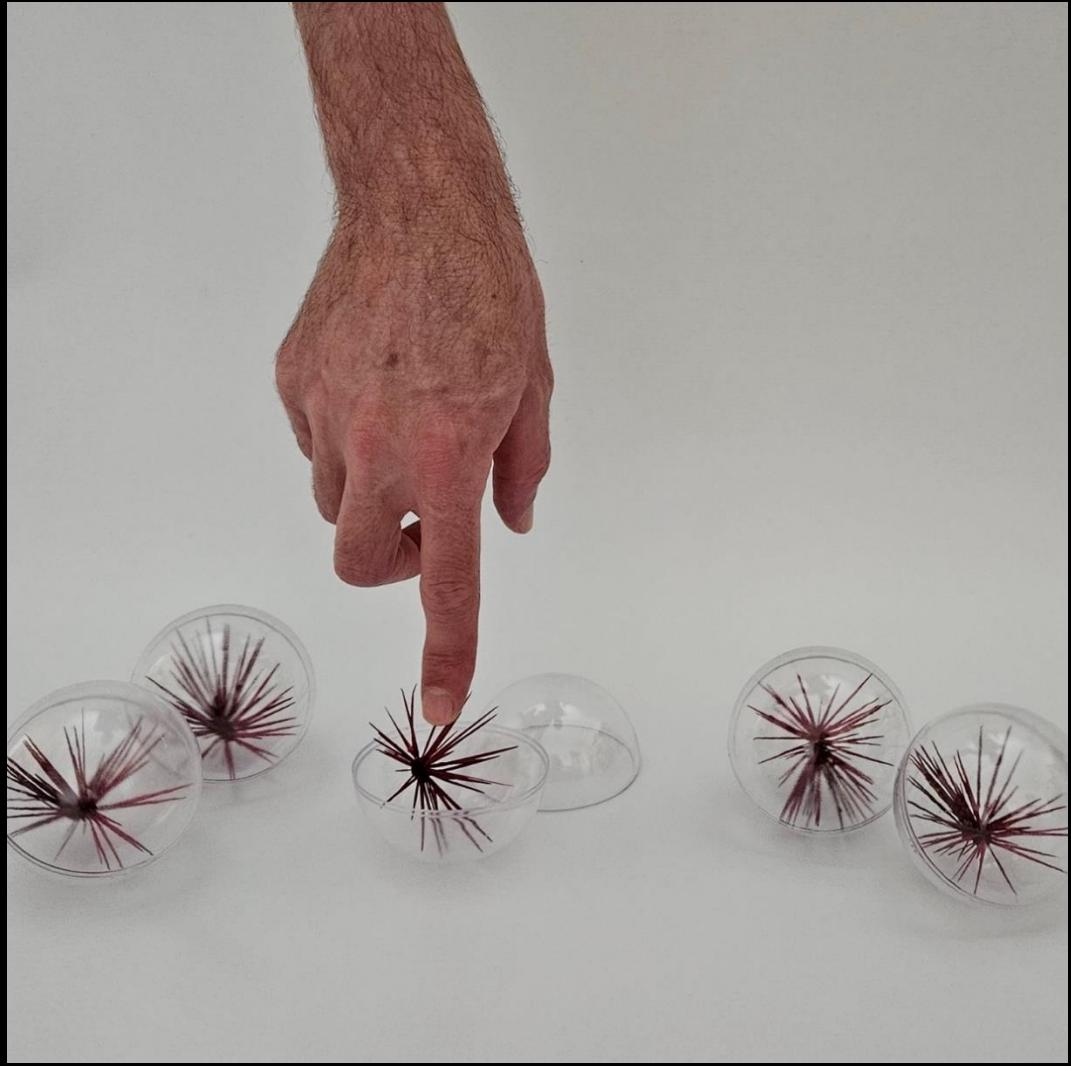
13

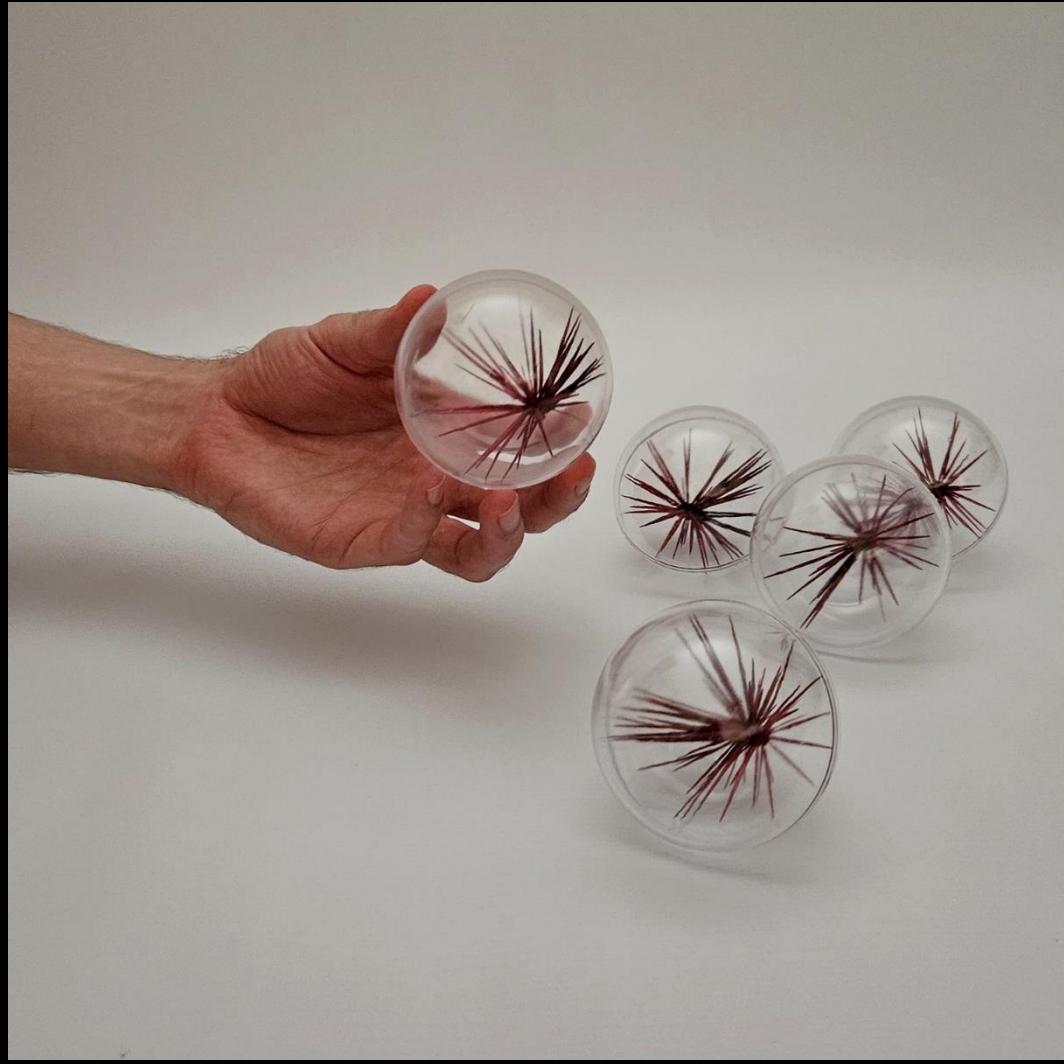




15









19



Cuando el dolor se transforma en ruina

p. 21-22 | Série *Imersão-dor*

2024
Fotografia
Torres dels Serrans | Torres de Quart
Valênciâ, Espanha
Acervo do artista





Cuando el dolor se convierte en mar

p. 23-28 | Série *Imersão-dor*

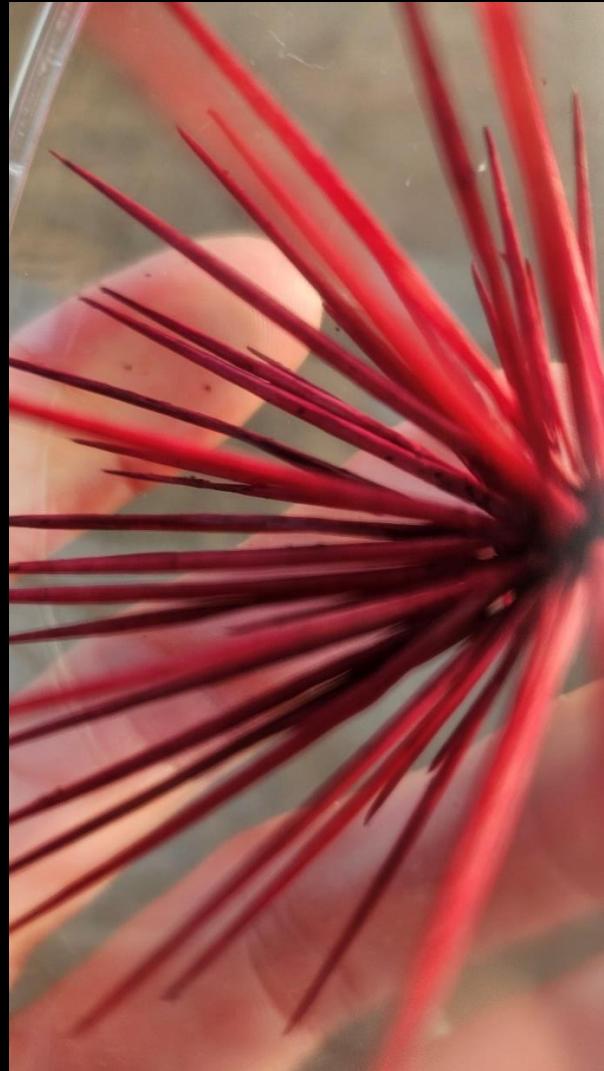
2024
Fotoperformance
Platja de la Malva-rosa
Valênciâ, Espanha
Acervo do artista





25









Dor

Sandro Bottene | originalmente escrito em 2022

Dor, monossílabo em ordem alfabética
composto por três letras do abecedário da Língua Portuguesa.

Dor, palavra emitida por um único som,
assim como o ruído de um gemido ou de uma nota musical.

Dor, padecimento tão ancestral e universal no que tange o ser humano
e tão íntimo e particular no que tange a subjetividade de cada corpo.

Dor, experiência que nos faz chorar, gritar, gemer,
prender a respiração ou até mesmo ficar em silêncio.

Dor, difícil conviver com ela e muito pior com a inexistência dela.

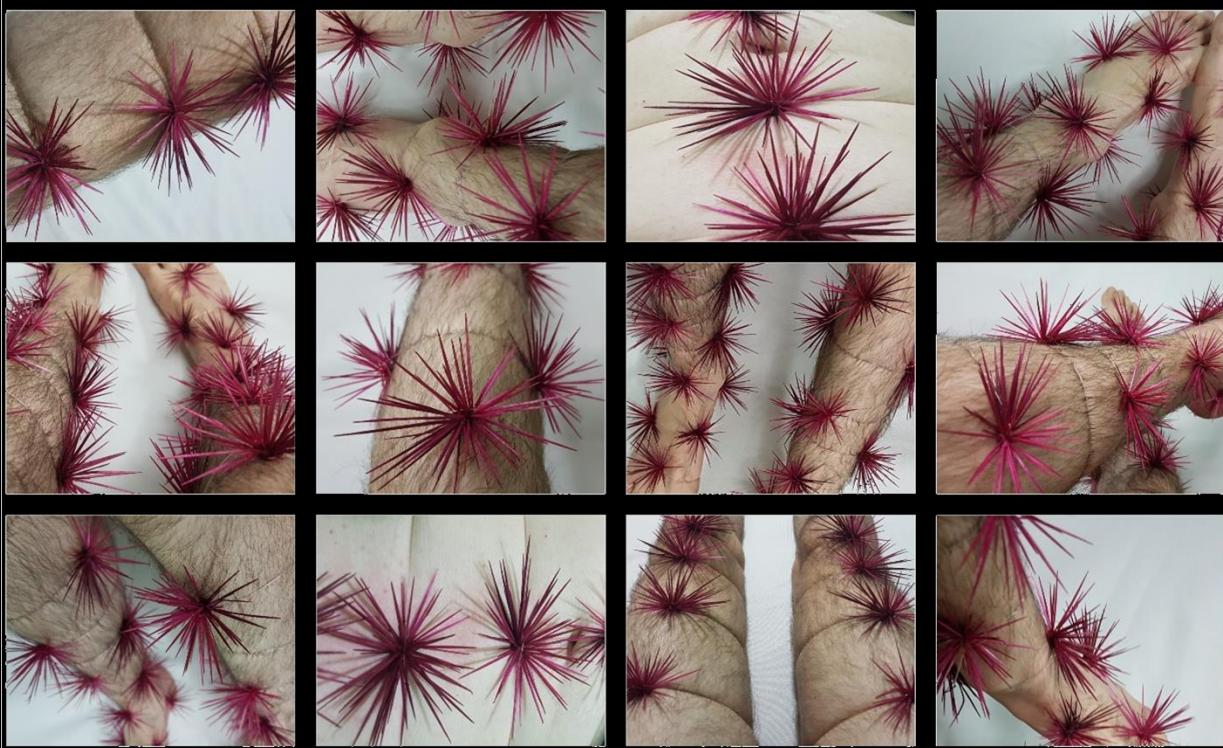
Dor, sensação clara e honesta que nos alerta,
mas também sofrimento secreto pela sua invisibilidade.

Dor, manifestação física. Dor, expressão moral.

Dor aguda = Dor passageira. Dor crônica = Dor intermitente.

Dor, solilóquio consigo mesmo como o próprio ato de pensar.

31



Dolor Studium I

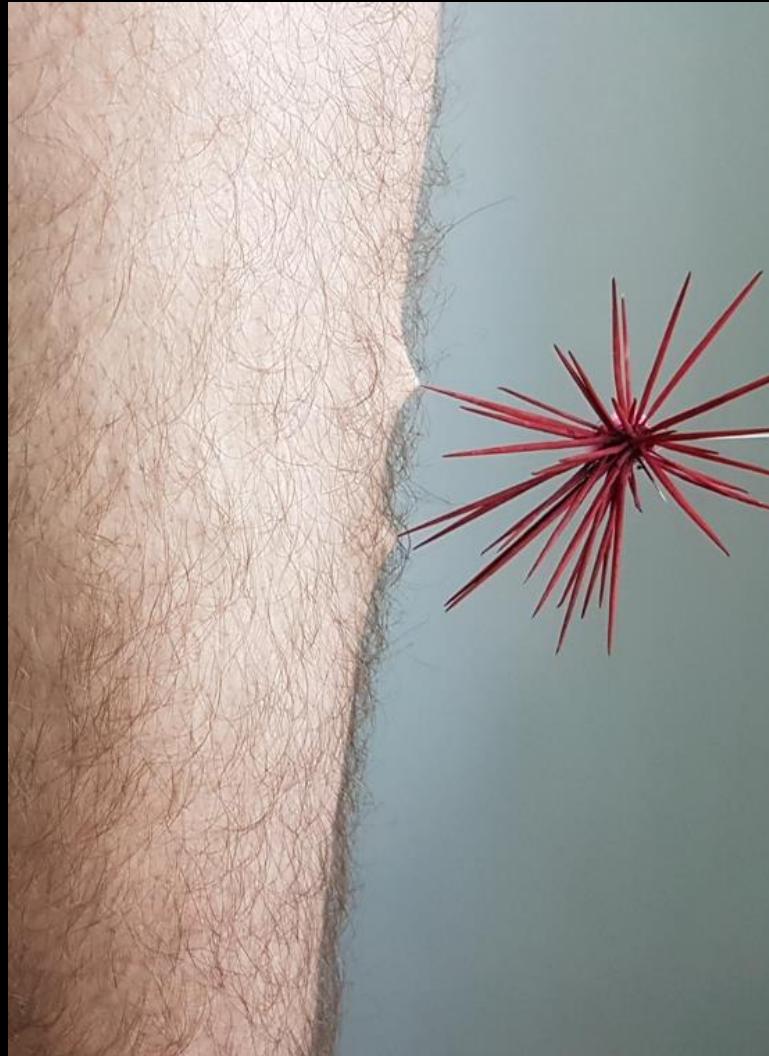
p. 31-32 | Série *Estudo da Dor*

2021
Fotografia
Ateliê / Residência
Seberi, RS, Brasil
Acervo do artista



Dolor Studium II
p. 33-40 | Série *Estudo da Dor*

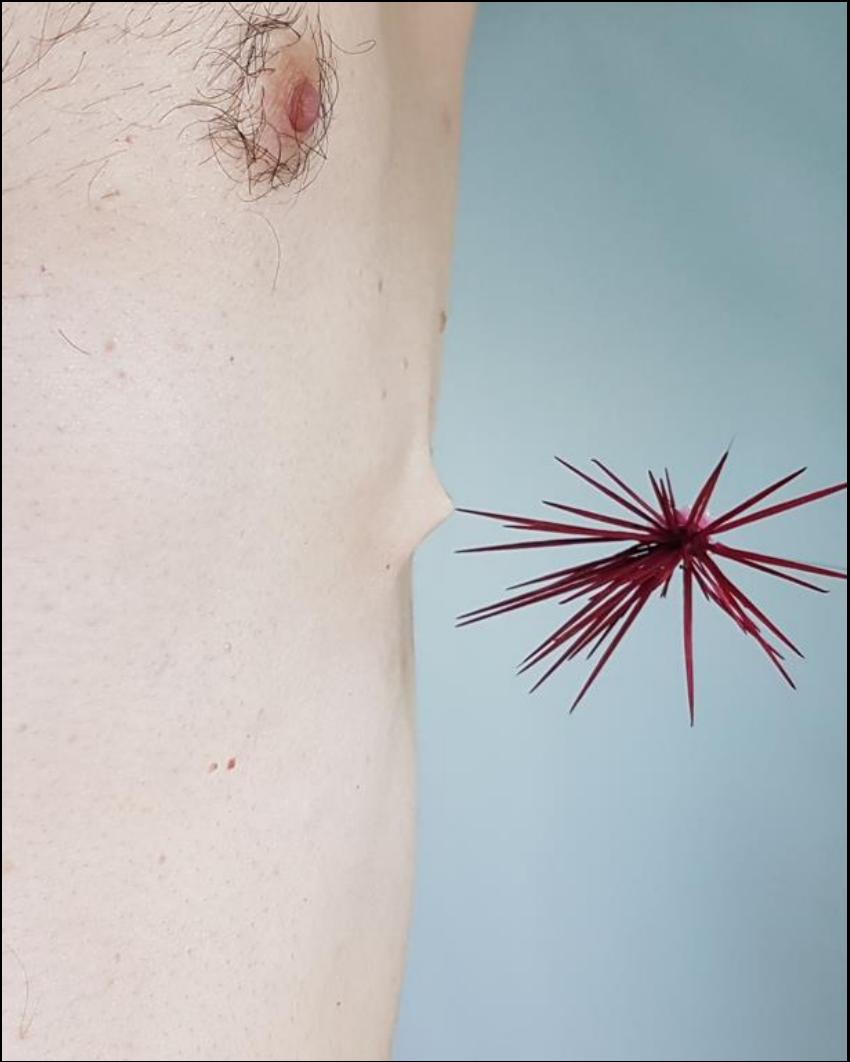
2023
Fotoperformance
Ateliê / Residência
Seberi, RS, Brasil
Acervo do artista





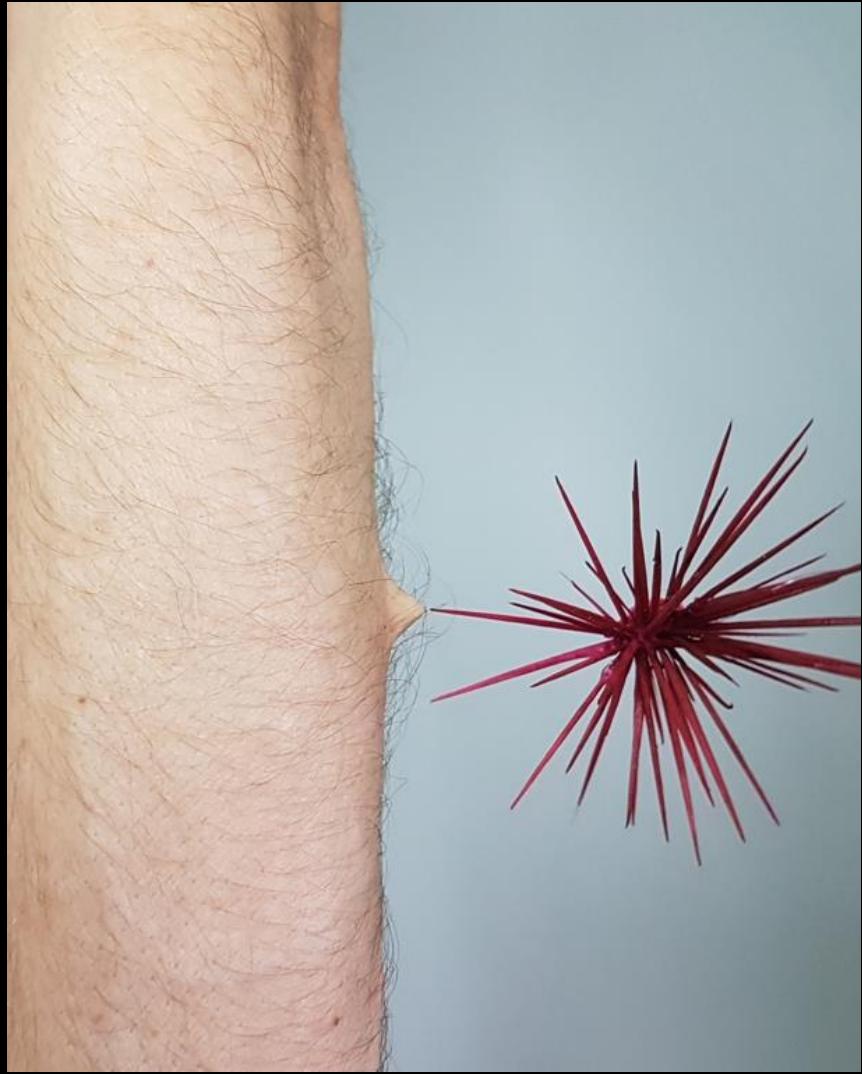


35





37





39



Garoto-cacto

Sandro Bottene | originalmente escrito em 2021

sou espinho	sou dor	sou parte biológica
sou pele	sou tato	sou parte real
sou corpo	sou textura	sou parte imaginada
sou pensamento	sou sensível	sou parte devaneio
sou identidade	sou resistência	sou parte poética

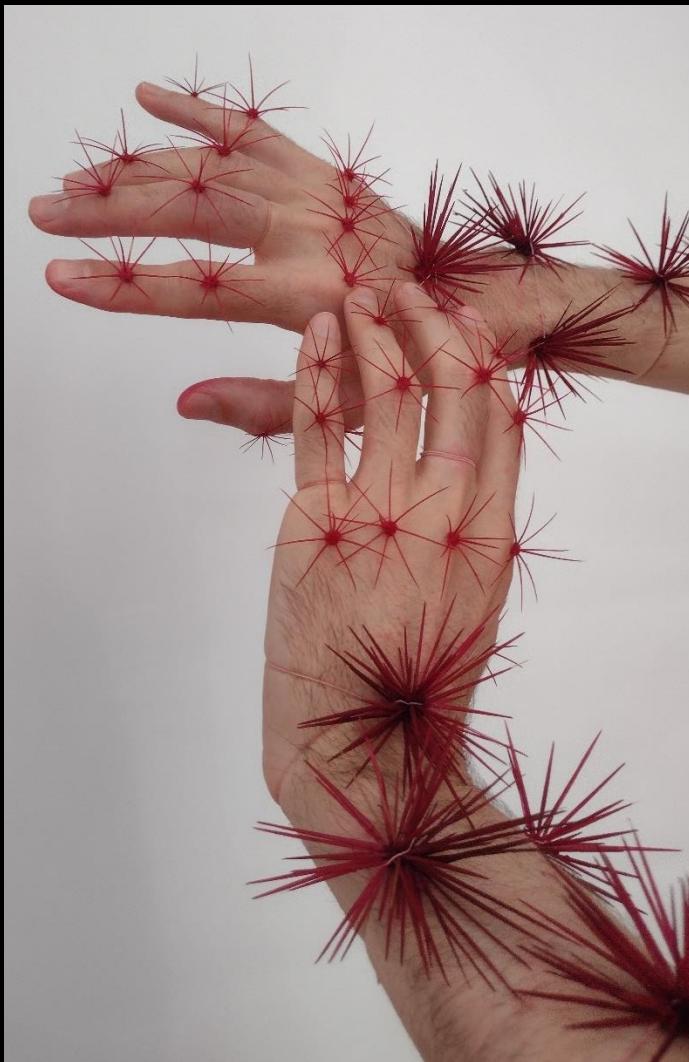
sou corpo-obra que integra outro corpo
sou identidade que se alimenta do corpo-experiência
sou talvez meio personagem, meio entidade
sou espinho-vivo que caminha
sou o que sou e também o que não sou

Spinu Vivu I
p. 43-50 | Série *Garoto-cacto*

2021
Fotografia
Ateliê / Residência
Seberi, RS, Brasil
Acervo do artista

















Spinu Vivu II
p. 51-56 | Série *Película-dor*

2025
Fotografia
Ateliê / Residência
Seberi, RS, Brasil
Acervo do artista













TEXTOS CRÍTICOS

À flor da pele

| Gisela Reis Biancalana

57

Sandro é um artista sensível, incansável e incisivo na sua pesquisa em poéticas visuais. Ao abordar incansavelmente o potente tema da dor na arte, ele transborda as experiências afetivas instauradas em seu corpo performativo. Subjetividade e intimidade coexistem no corpo em estado de arte, revelando sua identidade poética no percurso criador. As ações corporais vislumbradas como fotoperformances perscrutam a dimensão subjetiva do artista a partir da dor física oriunda do contato com os cactos, mas também de dores psicológicas, emocionais, afetivas e metafóricas. A dor sensação e a dor sensível, em sua invisibilidade corporal, transfiguram-se em belas e impactantes fotografias de possíveis dores ocultas e/ou ocultadas. A visualidade da maioria das obras supracitadas se compõe por meio dos espinhos de cactos em relação com o corpo nu. Em outras obras, embora o corpo não esteja de fato na fotografia, a imagem conclama sua presença. Especialmente quando

se debruça sobre o conjunto dos trabalhos cuidadosamente elaborados, a partir de um conteúdo profundo em seus desígnios avassaladores e coerentes enquanto processo investigativo, deparo-me com o aspecto insondável e pulsante das obras. O vínculo afetivo de Sandro com o ofício pessoal de cacticultor confere à sua pesquisa um fresco ar de sinceridade. Os(As) autores(as) e artistas que pautam suas referências precipitam o germinar das ações que convergem no ato performativo. Assim, seu estudo, assentado na produção da subjetividade, alcança um saber-fazer ancorado em uma prática que deixa os rastros de seus fluídos processos de identificação no mundo contemporâneo.

Gisela Reis Biancalana é Doutora e Mestra em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes (IA) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com foco na área de artes performativas. Realizou Pós-Doutorado na De Montfort University, em Leicester, cidade da Inglaterra, investigando processos criadores em conjunto, coletivos e colaborativos.

Atua no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Desenvolve pesquisas sobre a performance e os processos criadores de artistas transversais, buscando realizar investigações transdisciplinares, principalmente relacionadas aos estudos culturais e processos colaborativos.

É líder do Grupo de Pesquisa Performances: arte e cultura (CNPq/UFSM) e coordena o Laboratório de Performance, arte e cultura (LAPARC), vinculado ao PPGART. O laboratório elabora performances, organiza o evento “PerformAções” e mantém projetos de pesquisa, ensino e extensão.

Aparato biológico indispensável à autopreservação

Cláudia Vicari Zanatta

Olho para os espinhos. Eles provêm de uma planta que transformou suas folhas — espinhos são as folhas dos cactos —, aprendi. Assim se sobrevive sob o sol escaldante; assim é possível se defender. Palavra cacto cheia de sol e de seca. Relacionada a lugares onde a água, mas também o alimento é escasso. Esse seria, então, um tema de umidade e de proteção. De sobreviver onde há pouca condição de vida. Florescer, inclusive. O convívio com o espinho. Sandro coletando esferas, estrelas de espinhos organizados em rosetas, os tingindo da cor do vinho. Cada espinho absorvendo o líquido bordô, qual a agulha de seringa; sua especialidade é reter a ínfima partícula de água, impedindo a gotícula de evaporar. Sandro se amarrando a eles; eles sendo amarrados a Sandro, os espinhos sendo com ele. Saindo da cápsula protetora, da gotícula de ar transparente. Os espinhos pinicando, pinçando a pele, se misturando aos pelos, entrando no poro, agora dentro da pele o sangue circula na acupuntura. O órgão respiratório de uma espécie atravessa a pele de outro ser, fica nela fincado e acessa sua circulação; os espinhos tingidos de cor bordô já têm seu próprio sangue. Um espinho dentro do ovo transparente. Uma série de acupunturas. Uma amarração no corpo humano. A imagem de Cristo sem o Cristo, os estigmas e

um São Sebastião sem ele, no lugar de flechas, constelações; um dedo toca uma ponta ao mesmo tempo em que aponta um lugar para onde se olhar. Ali, naquele poro, um *punctum* interrompe a pele. O erotismo daquilo que dói, mas controlado. *Punctum dolens* é “o ponto dolorido”, “o ponto difícil, sério e perigoso de uma questão, de uma situação”. Em italiano soa mais bonito: “punto dolente, punto malato, dolorante, nel corpo, e oggi adoperata soltanto in senso fig. per indicare il punto più delicato e scottante di una situazione, di un argomento, di un problema”. Em Barthes o *punctum* fere, perfura, alfineta o olhar. “Como espectador, eu só me interessava pela Fotografia por ‘sentimento’; eu queria aprofundá-la, não como uma questão (um tema), mas como uma ferida: vejo, sinto, portanto, noto, olho e penso.” Na pele (maior órgão de nosso corpo) da foto pontos são ativados ou anestesiados. Leio em Susan Buck-Morss sobre estética e anestética. “Estesia é o estado de mobilização sensorial ao qual nosso organismo é submetido para perceber as coisas que nos cercam. Anesthesia é o estado oposto, dessensibilização. *Aisthesis* também é a raiz da palavra estética.” Isso tudo ativado na arte de Sandro Bottene.

Cláudia Vicari Zanatta é artista. Professora do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes (IA), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde atua no Bacharelado e na Licenciatura em Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação (PPGAV). Doutora em Arte Público y Poéticas Visuais pela Universitat Politècnica de València (UPV), na Espanha, com período cotutela pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em Artes Visuais, Graduada em Artes Visuais e em Ciências Biológicas pela mesma instituição. É líder do Grupo de Pesquisa Poéticas da Participação (CNPq/UFRGS). Membro da Associação de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP).

E-mail: claudia.zanatta@ufrgs.br | **Lattes:** 4580841303139412

Sandro Bottene y la condición del dolor

| Mau Monleón Pradas

La obra de Sandro Bottene, artista visual brasileño nacido en 1980, resuena profundamente con mi experiencia personal de dolor físico y emocional. Encuentro en su arte una conexión íntima que trasciende las barreras generacionales y geográficas, uniendo nuestras vivencias corporales marcadas por el sufrimiento.

Bottene, doctorando en Artes Visuales en la Universidad Federal de Santa María (UFSM), centra su investigación en el dolor como experiencia subjetiva y creativa en el arte contemporáneo. Esta exploración se manifiesta en obras como *Studium Dolor I*, *Studium Dolor II*, *Spinu Vivu I* y *Spinu Vivu II*, donde utiliza espinas de cactus para simbolizar y materializar el sufrimiento humano. Estas piezas reflejan su dolor personal, derivado de condiciones físicas

como una lesión por esfuerzo repetitivo y una masa benigna en el hígado, así como el dolor emocional asociado a su identidad homoafectiva en una sociedad permeada por prejuicios.

En *Studium Dolor II*, Bottene emplea espinas pigmentadas de la especie *Cylindropuntia tunicata*, originaria de México, para crear una fotoperformance que captura la interacción entre su cuerpo y estos elementos naturales. La obra invita al espectador a contemplar la vulnerabilidad y la resistencia del cuerpo humano frente al dolor, evocando una poética que transforma el sufrimiento en una experiencia estética compartida. Esta transformación del dolor en arte encuentra eco en el filósofo Friedrich Nietzsche, quien sostiene que el arte tiene más valor que la verdad por ser afirmador de la vida del ser humano.

Por otro lado, *Spinu Vivu I* se presenta como una exploración íntima de la identidad personificando la fusión entre el

ser humano y la naturaleza espinosa del cactus. A través de esta identidad poética, Bottene reflexiona sobre cómo la materialidad áspera de las espinas se convierte en una herramienta poderosa y, paradójicamente, sensible en su práctica artística.

Al contemplar la obra de Bottene, siento una profunda empatía y conexión. Sus imágenes evocan en mí recuerdos de mis propias experiencias en el Jardín Botánico, especialmente durante la pandemia por Covid-19, donde encontré consuelo entre las plantas y sus espinas. Esta coincidencia refuerza la idea de que, a pesar de las diferencias y distancias, el arte tiene la capacidad de unirnos en nuestras experiencias compartidas de dolor y sanación. En este sentido, la obra de Sandro Bottene trasciende la mera representación del dolor para convertirse en una plataforma de diálogo sobre la condición humana. A través de su enfoque poético y performativo, nos invita a reflexionar sobre nuestras propias

experiencias de sufrimiento y resiliencia, demostrando que el arte puede ser un medio poderoso para la comprensión y la empatía mutua.

Elena Edith Monleón Pradas, conocida como **Mau Monléon**, es una artista interdisciplinar y comisaria española, activista feminista, promotora y dinamizadora de numerosos proyectos participativos para potenciar a las mujeres artistas. Se graduó en Bellas Artes en la Facultat de Belles Arts (UPV), habiendo realizado el bachillerato en el Colegio Alemán, amplió estudios Erasmus en la Kunsthakademie de Düsseldorf en Alemania. Se doctoró en Bellas Artes por la Universitat Politècnica de València (UPV). Catedrática de Proyectos en Arte y Activismo Feminista, trabaja de Profesora Titular en la Universitat Politècnica de València, España. En la universidad desarrolla su investigación en el Departamento d'Escultura y en el Grupo de Laboratorio de Creaciones Intermedia. Directora del Arte Contra Violencia de Género | ACVG. Presidenta de la Asociación Nacional Colectiva Portal de Igualdad. Su carrera artística la ha desarrollado con exposiciones en galerías y museos nacionales e internacionales como la Galería Nacional de Bellas Artes de Jordania | JNGFA (Amán), Le Magasin (Grenoble), el Museo de Arte Contemporáneo de Castilla y León | MUSAC (León) en la exposición *Genealogías feministas en el arte español* celebrada en el año 2015. La Bienal de La Habana (Cuba), ARCO (Madrid) y en las ferias de arte contemporáneo Art Basel (Basilea). Como comisaria ha realizado proyectos en todo el territorio español, destacando entre otros la exposición monográfica internacional sobre violencia de género *In-Out House. Circuitos de género y violencia en la era tecnológica*, en la Sala de Exposiciones de la Universidad del País Valenciano, UPV, 2012 y Sala X, Pontevedra, 2013. Otro extenso proyecto fue la exposición itinerante con artistas internacionales en la Comunidad Valenciana, sobre las brechas de género en el trabajo *Women in Work. Mujer, arte y trabajo en la globalización*. Se expuso en la Sala de Exposiciones UPV en el año 2016 y Galería Octubre, Universitat Jaume I, Castelló, 2017. En el año 2020, lanza un nuevo proyecto colaborativo en continuidad con su línea de trabajo del arte comprometido, creando el proyecto #Portaldeigualdad para el Instituto Valenciano de Arte Moderno | IVAM. En 2024 ha realizado su proyecto individual: Arte social con perspectiva de género. Trabaja con FADEMUR en el proyecto #MujeresPorLaTierra.

Correo electrónico: maumonleonupv@gmail.com | **Instagram:** @maumonleon | **Site:** maumonleon.es

Um corpo e os limites desafiadores entre a beleza e a dor

| Sandra Correia Favero

Padecer de dor.

Encontrar a beleza na dor.

O ardor da dor.

O autoflagelo.

Os limites da punição.

65

O corpo é seu mundo de dor.

A dor é sua resistência.

O cacto é a forma simbólica daquilo que causa dor.

*Seriam os espinhos dos cactos, eles mesmos,
os causadores das dores que atingem o corpo do artista?*

Quais os limites entre o sentir e a dor?

A atração entre dois corpos, o que recebe a dor e aquele que causa dor.

O corpo induzido aos limites toleráveis.

A beleza pode punir.

*Quanto de beleza é evidenciada por esses agulhões tingidos que,
com leveza, fazem acontecer a dor?*

A dor pode ser leve?

A dor pode ser transparente como um fio de nylon.

A dor como um modo de prorrogar o tempo.

Os espinhos prolongam as sensações dolorosas.

Qual a dimensão subjetiva da dor?

Seria o estímulo à dor uma celebração?

Ou a dor seria uma punição?

Sandra Maria Correia Favero é artista, pesquisadora e professora. Doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), Mestra em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Bacharela em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP).

Tem interesse pelos seguintes temas: memória, natureza e caminhadas em poéticas contemporâneas.

Seus meios de expressão: gravura, livro de artista, fotografia-performance, instalação.

Atua como curadora. É professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC),

no Centro de Artes, Design e Modas (CEART), no Departamento de Artes Visuais e na Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), na Linha de Pesquisa Processos Contemporâneos.

Integra o Grupo de Pesquisa Articulações Poéticas (CNPq/UDESC).

CRONOLOGIA

1980

Sandro nasce em 21 de agosto, na cidade de Frederico Westphalen, RS, Brasil. É o segundo de três filhos(as) do casal Margarida Bottene e Aldanor Bottene.

2004

Inicia o ofício de cultivador de cactos e constrói uma estufa — o Cactário Cactu'san — onde mantém uma coleção com aproximadamente 400 espécies, localizada em Seberi, RS, Brasil.

67

2005

De 2005 a 2009, cursa Licenciatura em Artes Visuais, na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Campus Ijuí, RS, Brasil.

2008

Inicia sua pesquisa em poéticas visuais. Nesse período, surgem os primeiros experimentos em desenho, pintura e gravura, que apresentam o elemento visual cacto.

2009

Em janeiro, defende o Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *A paisagem na história da arte: da representação à intervenção*, sob orientação de Paulo Ernesto Scortegagna.

Em setembro, faz sua primeira exibição ao participar da coletiva V Salão Universitário de Arte da UNIJUÍ, em Ijuí, RS, Brasil.



Os pais de Sandro Bottene, 1977



Margarida Bottene e seu filho Sandro, 1980



Sandro Bottene, Cactário Cactu'san, 2017

Premiação, XVI Salão Latino Americano, 2022



Sandro Bottene, *A subjetividade da dor*, 2023



Sandro Bottene, Valência (ES), 2024



2010

De 2010 a 2012, cursa Bacharelado em Artes Visuais na UNIJUÍ, em Ijuí, RS, Brasil.

2011

Recebe *Menção Honrosa* da Sala de Exposições Java Bonamigo (UNIJUÍ) pela série *Corpo e Sexualidade* (tríptico III, IV e VI).

2012

Em janeiro, defende o Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *SANTUÁRIO CACTU'San*, na Sala de Exposições Java Bonamigo (UNIJUÍ), sob orientação de Salète Regina Prott.

Em setembro, recebe a segunda *Menção Honrosa* da Sala de Exposições Java Bonamigo (UNIJUÍ) pela obra *Identidade Cactu'San*.

2013

De 2013 a 2015, cursa mestrado em Artes Visuais no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART), do Centro de Artes e Letras (CAL), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em Santa Maria, RS, Brasil.

2015

Em março, o artista defende sua dissertação de mestrado, intitulada *(Des)construções pictóricas transitórias: poética em processo pela ação do desvelamento*, na Sala Cláudio Carriconde, sob orientação de Paulo César Ribeiro Gomes.

2021

Em maio, durante a pandemia da Covid-19, inicia doutorado em Artes Visuais no PPGART da UFSM, com a pesquisa intitulada *O espinho que (trans)brotá do pensamento ao corpo*, sob a orientação de Rosa Maria Blanca Cedillo.

2022

Em maio, recebe *Prêmio Aquisição* no XVI Salão de Artes Plásticas e Visuais de Santa Maria, organizado pelo Museu de Arte de Santa Maria (MASM), pela obra *Propter Amorem Nostrum*.

2023

Em junho, na exposição individual *A subjetividade da dor*, na Sala Iberê Camargo (MASM), expõe trabalhos que apresentam parte da pesquisa em andamento do doutorado. A curadora Rosa Blanca¹ escreve:

o artista Sandro Bottene nos convida a sentir uma poética da dor na sua dimensão íntima e pública. As obras de Sandro Bottene nos sugerem tanto a beleza como a crueldade de um espinho. É assim como a exposição *A subjetividade da dor* propõe-se a discutir as interfaces entre o artístico e o estético, o util e o perverso, evocando poeticamente a artificialidade e a naturalidade que pode chegar a existir na sensação dolorosa de uma encantadora obra de arte (2023, p. 7).

2024

Em setembro, viaja para Valência, na Espanha, onde realiza doutorado sanduíche na Universitat Politècnica de València (UPV).

Sandro Bottene, Jardí Botànic de la Universitat de València (ES), 2024



Contato

E-mail: sandro.bottene@gmail.com

Instagram: @garotocacto
@sandrobottene

Lattes: 9367634204406259

Linktree: @sandrobottene

ORCID: 0000-0001-5979-3138

¹ BLANCA, Rosa. Texto Curatorial. In: BLANCA, Rosa; BOTTENE, Sandro (org.). *A subjetividade da dor*: catálogo da exposição / Sandro Bottene. Santa Maria, RS: UFSM, CAL, Ed. PPGART, 2023. p.7.

SOBRE OS(AS) ORGANIZADORES(AS)

Rosa Blanca

É escritora, pesquisadora, docente e curadora. É Coordenadora do Laboratório de Arte e Subjetividades (LASUB-CNPq/UFSM). Atua no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais e no Curso de Artes Visuais, da Universidade Federal de Santa Maria. É Curadora da Exposição Internacional de Arte e Gênero (Florianópolis, 2013, 2017 e 2021). É autora da tese bilíngue *Arte a partir de uma perspectiva queer / Arte desde lo queer*. É Doutora em Ciências Humanas (Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas/UFSC) e Mestre em Artes Visuais (Instituto de Artes/UFRGS). Realizou o Doutorado Sanduíche na Universidad Complutense de Madrid, pesquisando a produção do conhecimento eletrônico queer. Como artista, participou em eventos como o Festival Internacional de Vídeo - "Um minuto de si" (Espaço Cultural Armazém: Coletivo Elza 2020).

70

Sandro Bottene

Artista Visual, Cacticultor / Cactófilo / Cactólogo, pesquisador e professor. É doutorando em Artes Visuais, com ênfase em Poéticas Visuais, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Linha de Pesquisa Arte e Transversalidade, com Bolsa CAPES / DS e período sanduíche na Facultat de Belles Arts da Universitat Politècnica de València (UPV), na Espanha, pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE). É participante do Laboratório de Arte e Subjetividades (LASUB) - CNPq / UFSM, em que desenvolve a pesquisa sobre a Identidade Poética *Garoto-cacto* e as relações entre corpo, dor e subjetividade.

CATÁLOGO

EXPOSIÇÃO

Organização

Rosa Maria Blanca Cedillo
Sandro Bottene

Curadora

Rosa Maria Blanca Cedillo

Artista

Sandro Bottene

Textos

Cláudia Vicari Zanatta
Elena Edith (Mau) Monleón Pradas
Gisela Reis Biancalana
Rosa Maria Blanca Cedillo
Sandra Maria Correia Favero
Sandro Bottene

Revisão

Adejane Pires da Silva

Projeto Gráfico

Sandro Bottene

Capa

Sandro Bottene

Fotos

Eduarda Olechak (p. 45-50)
Sandro Bottene

Realização

MASM | Museu de Arte de Santa Maria

Avenida Presidente Vargas, 1400

Centro Integrado de Cultura Evandro Behr
Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil

Diretora: Marilia Chartune Teixeira

Abertura

5 de junho de 2025

Sala Iberê Camargo

Visitação

5 de junho a 29 de julho de 2025

Horário

De Segunda à Sexta-feira

Das 8h às 16h

Contato

Fone: (55) 3174-1560

E-mail: masmdigital@gmail.com

Instagram: @masmmuseudearte

Agradecimentos

Eduarda Olechak

Jaime de Souza | **Prisma Comunicação Visual**

Vaniza Trezzi | **Prisma Comunicação Visual**

EDITORA PPGART

Comissão Editorial PPGART

Diretora

Darci Raquel Fonseca

Vice-diretora

Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi

Conselho Editorial

Andréia Machado Oliveira

Darci Raquel Fonseca

Gisela Reis Biancalana

Karine Gomes Perez Vieira

Nara Cristina Santos

Rebeca Lenize Stumm

Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi

Rosa Maria Blanca Cedillo

Camila Linhati Bitencourt

Conselho Técnico-Científico

Bernardo Baldisserotto (Brasil, UFSM)

Christine Pires Nelson de Mello (Brasil, PUC-SP)

Cleomar de Souza Rocha (Brasil, UFG)

Eduarda Azevedo Gonçalves (Brasil, UFPel)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (Brasil, UNB)

João Fernando Igansi Nunes (Brasil, UFPel)

José Afonso Medeiros Souza (Brasil, UFPA)

Giselle Beiguelman (Brasil, USP)

Helena Araújo Rodrigues Kanaan (Brasil, UFRGS)

Marcel Henrique Marcondes Sari (Brasil, UFSM)

Maria Beatriz Medeiros (Brasil, UNB)

Maria Luisa Távora (Brasil, UFRJ)

Maria Raquel da Silva Stolf (Brasil, UDESC)

Maria Rosa Chitolina (Brasil, UFSM)

Mariela Yeregui (Argentina, UNTREF)

Milton Terumitsu Sogabe (Brasil, UNESP)

Paula Cristina Somenzari Almozara (Brasil, PUC-Campinas)

Paula Viviane Ramos (Brasil, UFRGS)

Paulo Antonio de Menezes Pereira da Silveira (Brasil, UFRGS)

Paulo Bernardino Bastos (Portugal, Univ. Aveiro)

Paulo César Ribeiro Gomes (Brasil, UFRGS)

Rachel Zuanon Dias (Brasil, UAM)

Regilene Aparecida Sarzi Ribeiro (Brasil, UNESP)

Regina Melim Cunha Vieira (Brasil, UDESC)

Ricardo Barreto Biriba (Brasil, UFBA)

Sandra Makowiecky (Brasil, UDESC)

Sandra Terezinha Rey (Brasil, UFRGS)

Vera Beatriz Siqueira (Brasil, UERJ)

Conselho Técnico-Administrativo

Coordenação de Editoração

Altamir Moreira

Helga Corrêa

Secretaria

Camila Linhati Bitencourt

Setor Financeiro

Daiani Saul da Luz

Este catálogo foi composto em Arial, Daily Flashback e Futura Lt

realização



apoio

